

Três anos após a morte de Fughetti Luz, lenda e eterna luz a incidir sobre o rock gaúcho, *Jornal do Comércio* resgata entrevista histórica do artista

Reportagem Cultural

Feiticeiro do tempo e da música

Cristiano Bastos, especial para JC

Alma consagrada ao rock'n'roll, Fughetti Luz (1947-2023) partiu deixando um rastro de luz e uma mensagem libertária que continua a enfeitiçar gerações. Ele não foi apenas um músico; foi um canal onde o som se transformava em éter e a poesia se tornava fogo. A entrevista exclusiva a seguir, senhoras e senhores, serviu de base para a escrita do perfil especial (sob o título *O Iluminado*) publicado originalmente em maio de 2021 – mês em que o artista completou 74 anos – nas páginas do caderno Viver do *Jornal do Comércio*. Marco Antonio de Figueiredo Luz, carinhosamente conhecido por seus inúmeros admiradores como Fughetti Luz, a concedeu diretamente de Tapes, localidade situada no Centro-Sul do Estado, onde residia na época.

Realizada em meio ao isolamento da pandemia e com a valiosa interveniência e auxílio de sua filha, Shanti Luz, a conversa revela-se hoje um documento histórico e espiritual: trata-se, muito provavelmente, da última entrevista concedida pelo mestre, um registro final em que ele abriu as portas de sua percepção a partir de seu refúgio à beira da lagoa.

A trajetória de Fughetti foi marcada por “enclaves temporais” e geográficos, mas sua gênese como espírito indômito remonta aos jardins da Vila do IAPI, em Porto Alegre. Lá, Fughetti viveu uma infância moldada pela dualidade entre a fragilidade física e a força hercúlea da imaginação. Aos três anos de idade, ele foi acometido pela paralisia infantil, uma condição que, para muitos, seria uma sentença de limitação,

mas que para ele funcionou como combustível para a rebeldia. Na biografia *Fughetti Luz - O Rock Gaúcho*, assinada pelo jornalista Gilmar Eitelwein, o músico define-se como um “eterno rebelde”, inclusive em relação à sua deficiência. “Tudo que não me deixavam fazer quando criança, eu fazia”, recordava ele com o brilho nos olhos de quem nunca aceitou “não” como resposta. Se não podia jogar bola, lá estava ele disputando partidas nos campos do IAPI. Se diziam para não andar de bicicleta, ele desafiava a gravidade aprendendo a pedalar com uma perna só. Fughetti ia tomar banho no Guaíba com os moleques da vizinhança, ignorando as recomendações médicas e familiares. “Sempre fui perturbador, só fazia arte. A paralisia foi um presente na minha vida; me ensinou a ser mais legal e mais maluco”, dizia, subvertendo a lógica do sofrimento em favor da transcendência.

Essa ‘maluquez’ sagrada foi o imã que o aproximou de seus primeiros parceiros de estrada: os irmãos Marcos e Mimi Lessa, Edinho Espíndola e Wilmar Santana, o ‘Peco’. Juntos, eles formariam o Liverpool, grupo que se tornaria uma lenda do rock psicodélico nacional. Em 1969, Fughetti fazia sua estreia discográfica com o álbum *Por Favor, Sucesso*. O LP, que amalgama tropicalismo e psicodelismo de forma absolutamente *sui generis*, converteu-se em um dos objetos mais cultuados da discografia brasileira. Para Fughetti, aquele disco foi o Big Bang de sua jornada. “Significou uma grande abertura de portas. Foi através dele que vislumbrei a possibilidade de, por meio da música, levar



PAULO COSER/REPRODUÇÃO/JC

alegria, arte e rock'n'roll para um grande número de pessoas”.

Após a experiência com o Liverpool e passagens por grupos como Bobo da Corte, Laranja Mecânica e Trilha do Sol, Fughetti e seus comparsas elevaram a temperatura com o Bixo da Seda. Em 1976, o grupo lançou seu único registro em vinil, um marco de virtuosismo e um dos raríssimos álbuns de rock lançados por uma

banda gaúcha nos anos 1970. Foi nessa fase que Fughetti consolidou sua imagem de mestre de cerimônias do rock visceral, unindo a sofisticação brasileira ao peso das guitarras.

Um capítulo central desta memória é o tempo em que habitou a mítica casa no número 35 da Avenida Alberto Pasqualini. Fughetti relembra com saudade a eferescência daquela morada, que

funcionou como uma incubadora alquímica para o rock gaúcho. Foi entre aquelas paredes que ganharam vida clássicos imortais como *Campo Minado*, *Nosso Lado Animal*, *Solitário Rocker* e *Nova Pulsação*, servindo de escola para bandas que viriam a seguir, como Bandaliera, Guerrilheiro Anti-Nuclear e Taranatirica.

Leia mais na página central